

# Elisa Lucinda – O poema do semelhante

O Deus da parecença  
que nos costura em igualdade  
que nos papel-carboniza  
em sentimento  
que nos pluraliza  
que nos banaliza  
por baixo e por dentro,  
foi este Deus que deu  
destino aos meus versos,

Foi Ele quem arrancou deles  
a roupa de indivíduo  
e deu-lhes outra de indivíduo  
ainda maior, embora mais justa.

Me assusta e acalma  
ser portadora de várias almas  
de um só som comum eco  
ser reverberante  
espelho, semelhante  
ser a boca  
ser a dona da palavra sem dono  
de tanto dono que tem.

Esse Deus sabe que alguém é apenas  
o singular da palavra multidão  
É mundão  
todo mundo beija  
todo mundo almeja  
todo mundo deseja  
todo mundo chora  
alguns por dentro  
alguns por fora

alguém sempre chega  
alguém sempre demora.

O Deus que cuida do  
não-desperdício dos poetas  
deu-me essa festa  
de similitude  
bateu-me no peito do meu amigo  
encostou-me a ele  
em atitude de verso beijo e umbigos,  
extirpou de mim o exclusivo:  
a solidão da bravura  
a solidão do medo  
a solidão da usura  
a solidão da coragem  
a solidão da bobagem  
a solidão da virtude  
a solidão da viagem  
a solidão do erro  
a solidão do sexo  
a solidão do zelo  
a solidão do nexo.

O Deus soprador de carmas  
deu de eu ser parecida  
Aparecida  
santa  
puta  
criança  
deu de me fazer  
diferente  
pra que eu provasse  
da alegria  
de ser igual a toda gente

Esse Deus deu coletivo  
ao meu particular  
sem eu nem reclamar

Foi Ele, o Deus da par-essência  
O Deus da essência par.

Não fosse a inteligência  
da semelhança  
seria só o meu amor  
seria só a minha dor  
bobinha e sem bonança

seria sozinha minha esperança.

**Elisa Lucinda, O semelhante**